

Antonina Gomes:
trajetória, sociabilidades e afroempreendedorismo
na periferia de Aracaju no século XX

José Edwyn Silva Gomes¹

Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe

Orientador: Prof. Dr. Petrônio Domingues

RESUMO: Foi na periferia da capital sergipana que Antonina Gomes se destacou enquanto mulher, co-fundadora e administradora de uma vila que carrega seu nome. A chamada “Vila Antonina” foi palco onde ela não só promoveu novenas e encontros festivos, mas também pôde “aquilombar” sua família e dar apoio aos familiares e amigos que assim como ela, migraram em busca de melhores condições de vida. Este artigo visa à construção da história de Antonina Gomes, relacionando e analisando suas experiências a partir de fontes orais, de fontes primárias e iconográficas, apontando a sua colaboração na manutenção de uma família formada ainda sob o eito da escravidão, estaremos assim contribuindo com os estudos a cerca do pós-abolição em Sergipe.

Palavras-chave: Pós-abolição; Família negra; Afroempreendedorismo e Sociabilidades.

Introdução

Falar de Antonina Gomes é falar de mim mesmo, é falar de minha origem, do meu passado-presente, da busca pela minha identidade, do meu reconhecimento enquanto homem negro sergipano em constante busca, olhando para trás, voltando e pegando aquilo que me pertence, honrando aqueles que me sustentam e que permanecem vívidos em mim. E como já disse Beatriz Nascimento, “É tempo de falarmos de nós mesmos não como contribuintes nem como vítimas de uma formação histórico social, mas como participantes desta formação.” (NASCIMENTO apud RATTS, 2006,p.101).

Nessa busca por minha identidade, da minha ligação com “África”, (re)encontrei a religiosidade de matriz africana e no verão de 2013, num jogo oracular com *obi* ²

¹ edwyn0702@gmail.com

² Palavra de origem Yorùbá. Igualmente conhecida como “noz-de-cola”, é uma semente muito

minha ancestralidade chamou a atenção, “talvez algum antepassado seu foi abiaxé³”, disse o sacerdote que realizou aquela consulta oracular. Foi o suficiente para aumentar minha curiosidade sobre minhas negras raízes⁴.

Decidi montar uma árvore ancestral através de entrevistas com meus familiares, quando fui informado da existência de uma prima de terceiro grau, uma prima do meu avô. Conheci Rosalina Santos em 2015, aos 90 anos, mulher negra, formada em Corte e Costura e após sucessivas idas à sua casa, sempre gravando nossos papos ancestrais, montamos finalmente nossa árvore.

Descobri minha penta-avó e o meu tataravô e a surpresa me veio em meio a essas entrevistas com Rosalina: eram sujeitos que foram escravizados! Foi um choque para meus familiares que, assim como eu, sequer imaginavam. Já lhes adianto logo, este trabalho não está concluído, não se encerra por aqui, é um *continuum* de um estudo minucioso, exaustivo e prazeroso, da minha inquietação por querer saber nossa origem étnica, por saber mais daqueles que vieram antes e que prepararam minha chegada até aqui.

Era um *hobby*, não se tratava de uma pesquisa científica, mas em 2018, a partir da disciplina História Afro-Brasileira ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Franco Liberato Sousa, passei a buscar ferramentas mais apropriadas para desenvolvê-la como uma pesquisa acadêmica.

Este artigo se configura como um trabalho de história de vida, onde abordaremos acerca da trajetória de Antonina Gomes, minha tia-avó, mulher negra, neta de ex-escravizados. Temos como objetivo a escrita de sua história e a análise de sua trajetória, em busca de compreender e analisar as relações sociais estabelecidas por ela, quais foram as experiências e identificar as estratégias utilizadas por ela e seu núcleo familiar em busca de emancipação.

Antonina Gomes aprendeu com sua família, sobretudo com seu pai, práticas religiosas e culturais que foram levadas para capital sergipana durante o fenômeno das migrações negras no pós-abolição. Migrou com seu marido para a capital aracajuana e juntos administraram uma vila de casas que veio a transformar-se em uma travessa que

conhecida em terras africanas por suas propriedades mágicas e nutritivas, utilizadas em rituais, estimulante natural.

³ Palavra de origem Yorùbá. Diz-se daqueles que nascem com axé, ou iniciados, geralmente chamados assim aqueles filhos cujas mães ainda durante a gestação passaram por rituais. (abi+àşę) Aquele que possui axé.

⁴ Ver HALLEY, Alex. *Negras Raízes: A saga de uma família americana*. Tradução: A. B. Pinheiro de Lemos. 5ª edição, Editora Record – São Paulo, 2014.

carrega até os dias atuais o nome de “Travessa Antonina”, hoje localizada numa região central da cidade. No bairro Cirurgia, com seu marido José Apolinário, não só empreendeu e administrou uma vila de casas como também estabeleceu um comércio local de venda de água subterrânea.

Embora tenha seu nome na placa da atual travessa que foi dona e fundadora, atualmente muitos moradores não sabem de sua história e sua importância para aquele local, numa cidade em que os nomes das ruas e avenidas são majoritariamente de homens brancos, herdeiros da aristocracia do açúcar, essa mulher preta, neta de escravizados conta com seu nome numa placa e poucos a (re)conhecem.

Buscaremos responder às seguintes questões: o que motivou Antonina a migrar de Divina Pastora para a capital Aracaju? Quais foram as estratégias utilizadas por ela e seu marido para se estabelecerem e se estabilizarem economicamente? Qual foi o papel desenvolvido por Antonina com relação à sua família e sua relação com a comunidade do Bairro Cirurgia?

Contaremos com fontes orais e fontes primárias, como registros de batismos, de matrimônio e fotografias, sendo o estudo norteado pela hipótese de que afetada indiretamente pelo contexto macro da economia nacional, mas principalmente por motivações pessoais e locais, Antonina migrou com seu marido para a capital como forma de se desvencilhar das amarras da escravidão ainda presentes nas relações entre sua família e a família do ex-senhor de sua avó, bem como da tutela de sua madrasta, visando uma emancipação e melhores condições de vida. Ao migrar para a capital ela carregou seus costumes e os ressignificou no novo local, mantendo práticas religiosas, socioculturais e relações de sociabilidade com a comunidade do Bairro Cirurgia, em Aracaju, local que ela terá destaque e protagonismo.

A maioria das informações aqui foram obtidas através de entrevistas, consultando a memória dos mais velhos da nossa família, daqueles que conheceram Antonina e que com ela conviveram. Devemos tomar a memória como diferente da história rígida, crítica e analítica. A memória está condicionada às transformações, às lembranças e aos esquecimentos, às pausas, aos silêncios que traduzem “a vida, sempre carregada por grupos vivos e, (...), aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas”. (NORA, 1993, p. 09).

Quer dizer, as memórias são representações do vivido, são passíveis da subjetividade daqueles que a carregam, assim como os documentos de épocas são. As memórias podem ser herdadas, mas o fato mesmo é que são fenômenos socialmente

construídos. Além disso, atuam ainda como elemento construtor na formação das identidades, individuais e coletivas. (POLLAK, 1992).

Com os novos métodos propostos com a Nova História Cultural, utilizaremos como método a História Oral para coletar informações acerca de sua trajetória. Como já apresentamos anteriormente, trata-se de uma pesquisa sobre uma mulher negra periférica que não deixou muitos escritos acerca de sua experiência, então através da coleta de informações presentes nos testemunhos orais faremos a crítica das fontes através do cruzamento dos dados obtidos nas fontes primárias, observando e analisando os “indícios”, os “vestígios” presentes nas documentações e nos relatos orais para seguir os rastros deixados por essa sujeita. (GINZBURG, 1991).

O uso de fontes orais permite não só dar voz, como ouvidos aos idosos, possibilitando a análise e a descoberta de trajetórias invisibilizadas, além de completar o vazio de informações nas documentações, dando vida aos sujeitos, abordando as experiências do cotidiano de indivíduos, “como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida "tratam" essa experiência em sua consciência e sua cultura (...).” (THOMPSON, p. 182).

A noção de família aqui não é a de “família individualista”, mas sim de uma extensa rede familiar, marcada por linhas de parentesco, ou “linhagem” caracterizada pela solidariedade. É importante ter a noção de que este artigo contrapõe pensadores que defendiam a “anomia”⁵ e a incapacidade dos escravizados de constituírem laços familiares duradouros.

Trata-se de uma pesquisa com uma abordagem qualitativa, um estudo de caso que atesta não só a condição de formação de uma “família escrava” pelo menos na segunda metade do século XIX, mas também a manutenção dessa família no pós-abolição, servindo de exemplo de como uma família formada ainda sob o eito da escravidão procurou alternativas em busca de emancipação no pós-abolição em Sergipe.

⁵ Ver FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes (o legado da “raça branca). Volume I – 3. Ed. – São Paulo: Globo, 2008.

Família, Escravidão e Pós Abolição

Antonina Gomes ou “Tôta” como era conhecida, nasceu em 1910⁶ em Divina Pastora, interior de Sergipe. Filha de Samuel José dos Santos⁷ e Brígida Gomes dos Santos, seus pais nasceram no final do século XIX, provavelmente entre as décadas de 1870 e 1880, ainda sob o julgo da escravidão.

Sua avó paterna chamada Simiana Maria do Sacramento veio de Estância por volta de 1860, na condição de escravizada para trabalhar no Engenho Limeira e além de Samuel, Simiana teve outros seis filhos: Esméria, Anthero, Serafina, Maria Laura, Euzébia e Elias, tios de Antonina.

Simiana foi “casada” com Tibúrcio Manoel João⁸, numa união consensual provavelmente como forma de melhorar sua situação, pois “o casar-se frequentemente implicava para o escravo ganhar mais espaço, junto com o cônjuge, para implementação de seus próprios projetos”. (SLENES, 2011, p. 167).

O pai e os tios de Antonina experimentaram os anos finais da escravidão, e embora não tenham sido “escravos”, mantiveram relações de trabalho, de compadrio⁹ e negociaram com a família Nabuco.

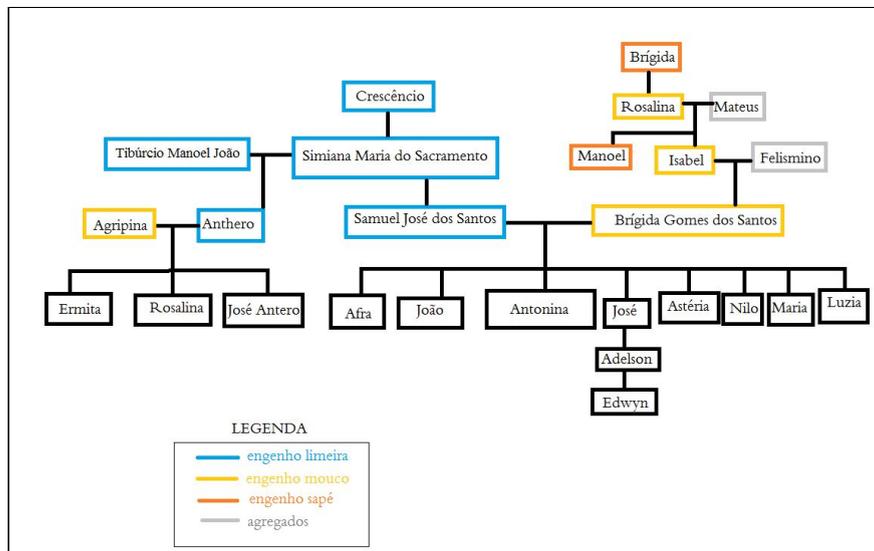


Figura 1: Síntese da nossa árvore ancestral conforme depoimento de Rosalina Santos, prima de Antonina.

⁶ Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora (1910- 1918). F. 06.

⁷ Samuel foi o primeiro filho de Simiana Maria do Sacramento, sendo seu pai desconhecido.

⁸ Os irmãos de Samuel eram filhos de Tibúrcio Manoel João, homem escravizado do mesmo engenho.

⁹ Livro de Batismos da Igreja Matriz de Divina Pastora (1910-1918). F. 148.

Samuel era carpinteiro no Engenho Limeira e Brígida Gomes da Silva, a mãe de Antonina, tinha família numa região chamada “a baixinha” ou “baixa”, uma região próxima de Santa Rosa de Lima, na época um povoado vizinho de Divina Pastora. Segundo Rosalina Santos “as baixinha” era um lugar onde os negros libertos, migrados do Engenho do Mouco, formaram casas, como um tipo de povoado.

Samuel e Brígida eram católicos, paroquianos da Igreja Matriz de Divina Pastora, local onde foram batizados seus oito filhos chamados: Nilo, Luzia, Maria, Astéria, Antonina, Afra, José e João. Samuel foi importante figura no cenário cultural de Divina Pastora, sendo destaque em manifestações como a Chegança¹⁰ de São Benedito :

“(…)Ele era o rei da Chegança!(…) os nêgo começava no sábado, esse povo pulava, dançava, brincava, sábado, domingo e depois da missa ainda ia levar ele em casa.(…) **em Santo Antônio** a mesma coisa. As novena era tão animada. Festa de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário (…”. (Maria de Lourdes dos Santos, 94 anos. 2016, grifo nosso)

“porque ele fazia **novena de Santo Antônio**, fazia **novena de São João** e fazia a **novena de Santa Luzia**”. (Rosalina Santos, 94 anos. 2018, grifo nosso)

É evidente a forte ligação com a religião católica e as práticas culturais como formas de celebração dos santos católicos. Antonina pode ter recebido tal nome como homenagem ao santo que Samuel era tão devoto – Santo Antônio. Todo dia 13 de Novembro Antonina comemorava seu aniversário, entretanto, ao consultar o registro de batismos de Divina Pastora, identificamos que “Tôta” teria sido batizada no dia treze de novembro com quatro meses. Ou seja, embora comemorasse seu aniversário no dia treze de novembro, tal data seria a data de seu batismo e não do seu nascimento.

O caso aponta para duas questões: a imprecisão do dia de nascimento, talvez porque os seus pais não foram alfabetizados, não teriam anotado, visto que o mesmo ocorreu com outros filhos do casal. Devemos estar atentos também à possibilidade de tratar-se de um costume a opção pela data do batismo, por ser um marco, um verdadeiro nascimento devido ao seu caráter religioso.

Segundo Rosalina Santos, Antonina perdeu sua mãe cedo de causas naturais, seu pai Samuel então se “casou” com Fidelina Menezes, uma prima de sua mãe. Com ela

¹⁰ A luta entre cristãos e mouros revela os fundamentos do folguedo, originado nas antigas tradições ibéricas e inspirado em romances que narravam aventuras marítimas.
fonte: <http://www.museudagentesergipana.com.br>. (Acesso: 12/07/2018).

Samuel teve mais três filhos que recebiam cuidados e uma alimentação melhor do que os filhos do primeiro casamento, “(...) o povo falava que Fidelina maltratava os meninos(...)”. Por conta desses malgrados vividos sob a “tutela” de sua madrasta, Astéria irmã de Antonina foi criada por Adelaide, uma prima de sua mãe¹¹ e João foi criado por Amélia Gomes da Silva, a madrinha de Antonina.

Em 1928 aos dezoito anos, Antonina se casou com José Apolinário dos Santos. Conhecido como “Zé Lião”, José Apolinário era filho de Manoel José dos Santos e Cizina Maria dos Santos, todos naturais de Divina Pastora. Após se casarem, decidiram mudar-se rumo à capital Aracaju, distante cerca de 41 km, em busca de melhores condições de vida.

Mediante o desenvolvimento das cidades e a urbanização crescente com o avanço industrial em ritmos e especificidades de cada local e região, a migração se tornou fenômeno presente na maioria das trajetórias negras no pós-emancipação, foi originada em um contexto “tanto no processo de fixação das novas formas de trabalho no campo, quanto da ausência de políticas (...) de acesso à terra e ao crédito aos libertos e seus descendentes.” (RIOS; MATOS, 2004, p. 182).

A década de 1930 foi marcada por um aumento populacional em Aracaju e os bairros periféricos da cidade começaram a se formar em decorrência de “migrantes e imigrantes que buscavam terrenos mais baratos, fruto de um processo de exclusão em consequência da valorização e da especulação imobiliária dos terrenos da área do centro da cidade”. (SANTANA, 2011, p.45).

Ao se afastarem desse passado de relações paternalistas, na capital o casal procurou adaptar o modo de vida do seu local de origem, reorganizando o espaço em que se estabeleceram, trataram logo de preparar o caminho para que os seus irmãos e primos seguissem seus passos migrando também para Aracaju, onde encontraram acolhida na chamada Vila Antonina, o que pode ser evidenciado um tipo especial de agrupamento familiar que aqui assimilamos ao conceito de quilombo.

O quilombo como fenômeno é apresentado pela Historiadora Maria Beatriz Nascimento de forma resignificada, pois até então era apenas tratado como qualquer agrupamento de negros contrários à ordem escravagista. Segundo a autora o quilombo deve ser visto como uma organização social que visa uma economia própria e o “estabelecimento de homens que querem manter a sua autonomia, (...), como homens

¹¹ Entrevista com Rosalina Santos, 91 anos, 2016.

que pretendem manter a sua estrutura cultural e sua estrutura racial”. (NASCIMENTO, 1977, p. 130).

Para a autora o quilombo não é uma reação negativa ao sistema escravagista, mas um fenômeno de origem *bantu* que em processo de continuidade histórica atravessou os séculos, se apresentou de formas variadas no Brasil, que não se encerrou em 1888, “e mais importante ainda, sendo essa uma organização social, ela se projetou no século XX como uma forma do negro e perdura até hoje”. (NASCIMENTO, 1977, p. 129).

Partindo dessa ideia, torna-se possível que de fato tenha ocorrido tal fenômeno, uma vez que a maioria dos africanos trazidos para Sergipe pelo menos até o século XVIII eram de origem *bantu*¹². É possível que heranças africanas tenham se transformado ao longo do tempo, adentrando o século XX, se adaptando às circunstâncias vividas por seus descendentes afro-brasileiros.

Conforme entrevistas com Maria Silva Gomes e Valdelice Maria Gomes, sobrinhas de Antonina, podemos identificar a herança cultural presente não só no chamado “brinquedo de roda”, que trataremos logo mais, mas também na arquitetura das casas da vila Antonina. Eram casas de “taipa”, feitas de barro e cobertas de palha possuindo forquilhas que apoiavam a cumeeira da casa, sendo “a utilização de forquilhas para sustentar os paus da cumeeira e dos lados de uma casa é típica de uma área extensa em Angola e na região do Congo”. (SLENES, 2011, p.173).

No contexto nacional a década de 1930 tem seu início um período conturbado, principalmente devido à crise política e econômica. Ainda assim, as irmãs de Antonina, Maria Gomes, Luzia Gomes e Astéria Gomes migraram em diferentes períodos para a Baixada Fluminense, no Estado do Rio de Janeiro, em busca de oportunidades, de melhores condições, atraídas pelo Rio de Janeiro, capital do país naquela época.

José Apolinário inicialmente conseguiu a compra da terra que compreendia a Vila através de prestação de serviços, comprou “fiado” e foi pagando aos poucos com o trabalho de carroceiro:

“(…) era carroceiro, naquela época a carroça não tinha pneu era de ferro, Aracaju era areia pura ,(…), areia pesada e ele tinha que ajudar o burro se não ele não saia. É assim que ele conseguiu, comprou fiado e foi pagando.”
(Rosalina Santos, 93 anos, 2018).

¹² MOTT, Luiz Roberto de Barros. Sergipe Del Rey: população, economia e sociedade. Aracaju, FUNDESC, 1986. pp. (133-134).

O samba de Seo Nelson era famoso, povo descia [do bairro] Suissa, no dia 13 de Maio pegava fogo, não tinha movimento de carro aí a gente ouvia, hoje em Seo Nelson vai ter samba,(...) era muito preto, boêmio, um nêgo muito alinhado (Entrevista com Valdelice Maria Gomes, sobrinha de Antonina, 2020).

De acordo com as entrevistas, embora fosse católica Antonina não parece ter tido nenhuma inimizade com o conhecido sacerdote Jazon, seu vizinho praticante de xangô¹³, o que não quer dizer que não tenha se incomodado alguma vez com os sons dos atabaques:

Seu Jazon era um neguinho baixinho, xangô enjoado incomodava. Incomodava a zoadá. (Entrevista com Rosalina Santos,2018).

Em entrevista com Sr. Armando, um dos mais antigos moradores da atual travessa Antonina, ele diz:

“Eu fui com [José Apolinário] em Edésio Mesquita, na praça do “V” que hoje chama-se a Praça do Golfe, eu fui com ele à noite na casa de Edésio Mesquita que era corretor da prefeitura, chefão entendeu? E cumpade Zé Lião propôs comprar esse resto de terra , pra poder ter essa saída aí. Aí Edésio Mesquita cedeu. Ele comprou esse resto de terra daqui até lá, aquela entradinha que tinha, esse resto todo ele comprou e inclusive essa saída aqui, que essa saída aqui não tinha. (José Armando da Paixão, 83 anos, 2018).

Com a compra desse “resto de terra”, José Apolinário criou uma saída para a vila, que a princípio não havia. Outra característica interessante da vila são as interligações, onde ao fundo da casa de José Gomes havia um acesso para a vila que possuía um pomar cercado, exclusivo da família de Antonina.

¹³ “Xangô” grafado com a inicial maiúscula, trata-se de uma divindade Yorùbá, ancestral fundador da cidade de Oyó na Nigéria. Grafado com a inicial minúscula, “xangô” se refere, como é muito conhecido no nordeste do Brasil um tipo específico de religião de matriz africana. Sobre perseguições aos “xangôs” em Sergipe, ver DOMINGUES, Petrônio. Guerra de Xangô: ritual, perseguição e conflito na formação do campo religioso afro-sergipano. Relig. soc. [online]. 2019, vol.39, n.1.



Figura 3: Recorte do Mapa Político do Estado de Sergipe. a estrela indica a localização da vila Antonina na periferia da capital. Fonte: Arquivo Nacional

Expelidos para o entorno da cidade, aqueles que não possuíam condições financeiras não podiam habitar o centro ou o “tabuleiro de Pirro”¹⁴ devido ao Código de Posturas que determinava o padrão seguindo as normas de higiene e habitação. (SANTANA,2011).

Localizado na periferia, além dos morros de areia que caracterizavam Aracaju nesse período, os minadouros da região permitiam a venda de água devido à precária situação do abastecimento:

(...) era uma água de primeira. (...), tinha pessoas ali que tinha água, mas quem tinha bomba boa que vendia banho,(...) seu José [Apolinário] era... duro[rígido], ele não saía dali, botava sentido às coisa dele né?, de tarde trazia as vaca de lá das cabiluda pra aí pra tirar leite de madrugada e assim por diante(...) Vendia leite (...) Era umas quatro ou cinco (...). (Maria de Lourdes dos Santos,96 anos. 2018)

Esse trecho da entrevista evidencia que José Apolinário assumia o controle dos negócios, era um “micro empresário”, vendedor de capim, leite, água e aluguel de casas. Apontado nas entrevistas como aquele que mais tomava conta dos negócios, porque então a vila não recebeu seu nome?

A resposta disso pode estar no fato de que na bagagem, Antonina levou consigo costumes de onde vivia, estabelecendo práticas culturais presentes na sua culinária, no seu modo de se relacionar e até mesmo na sua fé, celebrando através das novenas de São José e Santo Antônio, onde construiu ou reconstruiu as melhores formas de se viver na cidade. Por ser uma mulher articuladora, criativa, promotora de encontros religiosos

¹⁴ Sebastião José Basílio Pirro, engenheiro que planejou a cidade de Aracaju no século XIX, dando à cidade formato das quadras como um tabuleiro de xadrez.

e festivos, Antonina se destacou como sujeita ativa, comunicativa e solidária na periferia aracajuana e talvez seja a sua popularidade a explicação.

A novena é uma cerimônia católica onde os devotos dedicam nove dias de rezas a um determinado santo. Assim como seu pai Samuel, “Tôta” realizava novenas em sua casa, contava com a ajuda de “Seu Zeca Devoto”, sendo o último dia dedicado à festa, brincadeiras e muita comida. Segundo Maria Silva Gomes, sobre sua tia ela diz:

“(…) com os preparatórios das festas a agitação dela aumentava, tio Zé [José Apolinário] comprava foguete pra soltar. Tinha aquelas pessoas que, creio que era pessoas de Divina Pastora que morava por lá e se juntava (…)”.
(Maria Silva Gomes, 73 anos, 2018)

A comunidade comparecia seja pela fé ou pela atração da programação, enxergando ali uma oportunidade de diversão e de entretenimento. A interação com a vizinhança era intensa, pois “os laços de proximidade entre as pessoas, por conta da pouca densidade populacional, eram mais estreitos.” (SANTANA, 2011, p.31).

No nono dia era realizado o chamado “Brinquedo de Roda”, talvez um tipo de manifestação de origem africana¹⁵ remodelada às condições vividas, onde os indivíduos formavam uma roda, dançavam, soltando rimas, versos cantados, com perguntas e respostas:

“(…) eles dançavam de mãos dadas, tinha um momento que o que estava dentro saía e o que ficava chamava outro e nisso quase todos participando da roda, (...). Era uns versos que era mais cômicos, brincalhões, que provocava risos (...) Areia, areia de maruim, quem não gosta de areia, também não gosta de mim. Eu lembro que eu entrava na roda, ficava meio encabulada com aqueles adultos segurando a mão, era de mão dada! Era uma sala tão pequena, não sei como cabia tanta gente e ainda tinha um altar!” (Maria Silva Gomes, 73 anos, 2018).

O brincar tinha a função de “válvula de escape”, ao aliviar as tensões do cotidiano, como também fortalecia as relações de sociabilidade entre os participantes e a própria comunidade, havendo uma transmissão de conhecimentos aos mais novos, uma vez que através da roda “traduzem uma marca de origem como espaço de memória e de

¹⁵ Uma característica muito peculiar das danças africanas é a maneira como os grupos se organizam para dançar. Geralmente, eles formam círculos, fileira ou semicírculos, além de valorizar a participação de toda a comunidade.

Fonte: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/educacao-fisica/dancas-africanas>
(Acesso em: 23/12/2020)

ancestralidade, bem como elemento agregador e mediador das relações de sociabilidade com transmissão de saberes.” (SANTANA, 2011, p.26).

No banquete eram servidas comidas como canjica, bolo, mungunzá, arroz doce, doce de caju, compota de maracujá, manauê, além dos famosos licores.¹⁶ As comidas servidas na festa assim como os alimentos preparados no cotidiano tinham forte influência rural, como pirão de leite com jabá assada, mingau de café:

(...), depois que esfriava ficava aquela coisa dura, seca, de até quebrar, depois colocava no pilão para quebrar e fazer o pó do café. Era um cheiro na vizinhança quando torrava esse café. (...) (Maria Silva Gomes, 73 anos, 2018).

Passeando pela cidade: costumes e lugares de memória

Algumas áreas foram perdendo suas denominações da época, recebendo outras com o aumento populacional e o avanço da urbanidade :

“Íamos pro sítio lá nas **Cabiluda**,(...), com ela e tio Zé Lião, aquela nêgada(...), tinha uns conhecidos pro lado do Dezoito [do Forte], pensa que tinha transporte pra a gente andar é? Era a pé!(...) ia pra um tal de um lugar chamado **Várzea da Canoa**, onde hoje é o final do [bairro] Santa Lúcia,...). As estradas com areia que a gente *interrava* o pé até o meio da canela, areia branca. Tem um lugar chamado as **Areia** depois do [bairro] Castelo Branco,...). (Maria Silva Gomes, 73 anos, 2018, grifo nosso)

As “Cabiludas” era uma região do atual bairro Pereira Lobo, próximo da atual Rua Rafael de Aguiar, local onde José Apolinário criava seu gado e onde Antonina e sobrinhos iam buscar frutas e outros gêneros alimentícios. Ou seja, além de possuírem o terreno da Vila, também possuíam esse sítio. Para a época Antonina e seu marido possuíam uma propriedade relativamente suficiente para torná-los estáveis financeiramente¹⁷.

¹⁶ Entrevista com Maria Silva Gomes ,73 anos, 2018.

¹⁷ Entrevista com Maria de Lourdes dos Santos, 94 anos, 2016.

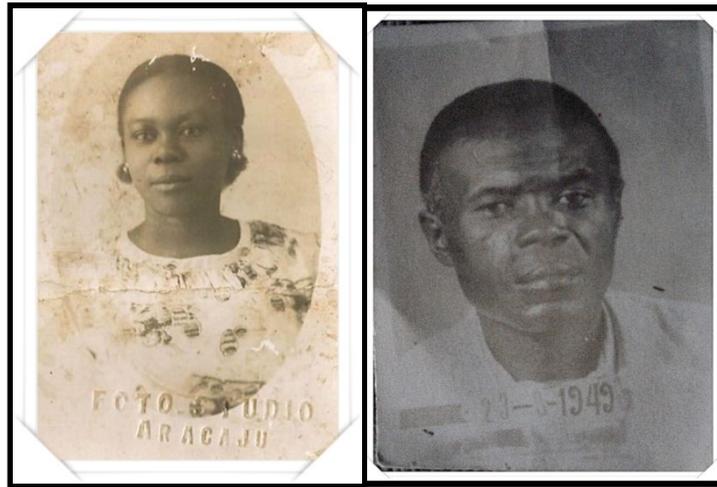


Figura 4: Antonina Gomes e José Apolinário. 1949.
Acervo da Família.

Maria Silva conta que além desses passeios pela cidade, chegou a viajar com sua tia para Maruim, para casa da cantora Ilda Porto de quem ela era muito amiga. Esses passeios eram comuns, pois havia o costume de retribuir as visitas de seus amigos, que não eram poucos. “Ela não parava dentro de casa era a mesma coisa do pai. Tio Samuel era assim também, não parava. (SANTOS, 2018).

Além desses costumes de “Tôta” identificamos também uma prática muito comum na época: fotografias com dedicatórias como lembranças aos amigos e familiares.

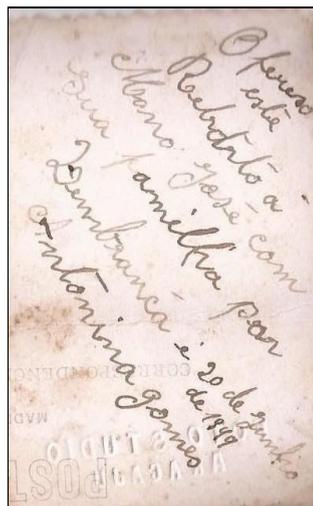


Figura 5: "Ofereço este [retrato] a Mano José com sua família por lembrança Antonina Gomes". Fonte: Acervo de Iracema Solange Gomes Barbosa.

Se formando em 1951 no curso de Corte e Costura, sua casa era ponto de encontro de amigos e clientes que a procuravam para serviços de costura, com encomendas de roupas.

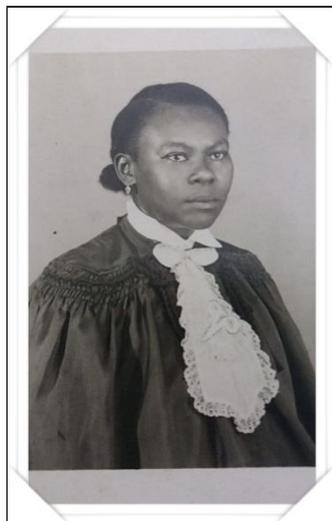


Figura 6: Retrato de busto de Antonina. Foto de formatura em Corte e Costura. Aracaju, 10/11/1951. Fonte : Acervo de Iracema Solange Gomes Barbosa.

Festeira, mulher animada, fazia muitas amizades, é ainda lembrada por Maria Silva como “irritadiça” e “um pouco nervosa”. Comemorando vinte e cinco anos de casamento em 1953 na chamada “Tebádia” ou Tebaida¹⁸¹¹, como era conhecida a Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, o casal recebeu em casa a visita de muitos amigos e familiares.

“(…) lembro que ela ganhou muitos presentes, negócio de louça, cristais (...). Lembro do anel dela, anel de ouro, que mandou botar prata na aliança.”.
(Maria Silva Gomes, 73 anos, 2018).

Zelosa, cuidava dos sobrinhos como se fossem seus filhos, aliás era madrinha de Zuliná Maria Gomes, sua sobrinha. Mandava colocar roupa nova quando tinha aniversário de algum sobrinho e os levava para a missa. “O olho é no dedo?” ela dizia, quando algum deles ousavam tocar em seus bibelôs de cristal, “a casa dela era montada de tudo meu filho”. (SANTOS, 2018).

Em 1968 Antonina deu uma festa em comemoração pelos 40 anos de casamento, antecipando a comemoração dos 50 anos, tendo em vista complicações de uma doença

¹⁸ Lugar solitário; ermo, retiro. tebaida in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa . Porto: Porto Editora, 2003-2018. Acesso : 30/11/2020.

de pele até hoje desconhecida pela família. Para tratar tal doença recorria ao uso de pomadas caras, mas também não dispensava a sabedoria popular, pedindo aos seus sobrinhos que caçassem rãs na região, pois diziam que a carne de rã curaria tal doença.

Em janeiro de 1971 após sucessivas idas à praia sob orientação de que os banhos com água do mar curariam sua doença de pele, Antonina teve um mal súbito na praia de Atalaia e foi levada para o Hospital de Cirurgia, mas não resistiu. José Apolinário se casou seis meses após a perda da esposa, desta vez com Ermita Santos, uma prima de Antonina. No decorrer do tempo passou a vender os lotes de seu terreno, provavelmente devido à sua idade, pois além de não terem filhos para herdar, administrar exigia dedicação e disposição.



Figura 7: Placa da travessa quase apagada pelo cimento. 25/08/2020. Acervo: Hiago Feitosa.



Figura 8: Atual situação de onde residiram Antonina e José Apolinário. 04/01/2020. Acervo pessoal.

A travessa Antonina se configura também como um “lugar de memória” pois está marcado nas lembranças não só de familiares mas de moradores da região, muitos que se emocionam com o processo de “esfacelamento” desse lugar que insiste em lembrá-los, como “testemunha de uma outra era” que agora só se faz representar pelos restos. (NORA, 1981).

Considerações Finais

Formada pelo menos na metade do século XIX, a família de Antonina encontrou na proximidade com a família Nabuco a possibilidade de conquistar algum espaço e assim se beneficiar. Mesmo não sendo escravos, se mantiveram naquele mesmo espaço através de negociações, das relações de trabalho e compadrio. Diante do cenário da década de 1920, Antonina se casou e por tanto se afastou da relação paternalista com a família Nabuco e ao mesmo tempo se afastou de sua madrastra que a maltratava.

Migrando para a capital com seu marido, Antonina foi impedida de se fixar no centro da cidade devido ao código de postura da cidade que determinava a forma como as construções deveriam ser feitas e encontrou na periferia espaço para “aquilombar” seus irmãos, familiares e outros conterrâneos migrados do interior. Diante disso, elementos culturais de origem negra, presentes no modo de construir as casas e principalmente através dos festejos, onde o “brinquedo de roda” se encarregava de mediar a sociabilidade, aportaram na periferia aracajuana.

Herdando de Samuel o gosto festivo e a devoção, Antonina se popularizou por sua atividade religiosa através das novenas, fato que permite explicar o porquê da vila carregar seu nome. Portanto, à medida que levaram consigo seus costumes do interior para a capital, estabeleceram práticas culturais e meios de sociabilidade com a comunidade, através dos “brinquedos de roda” que reuniam outros divina-pastorenses e santa-rosenses residentes em Aracaju.

Destarte, José Apolinário e Antonina buscaram alternativas para conseguir sobreviver na periferia da capital, seja através da venda de água, de leite, aluguel de casas de taipa, ou mesmo na prestação de serviços como a costura. Tais empreitadas permitiram ao casal uma relativa “estabilidade financeira” que permitiu ajudar outros familiares, mantendo uma solidariedade que contribuiu com a manutenção de seu núcleo familiar e uma conseqüente projeção desta ao longo do século XX.

REFERÊNCIAS:

DESCRIÇÃO DAS FONTES ORAIS

SANTOS, Rosalina. Entrevista concedida a José Edwyn Silva Gomes. Arquivo mp3,(01h 01 min 44 sec). Aracaju/SE, 2016.

_____. Entrevista concedida a José Edwyn Silva Gomes. Arquivo mp3,(01h 25 min 20 sec). Aracaju/SE, 2018.

GOMES, Valdelice Maria. Entrevista concedida a José Edwyn Silva Gomes. Arquivo mp3, (25 min e 45 sec). Nossa Senhora do Socorro/SE, 2020.

_____. Entrevista concedida a José Edwyn Silva Gomes. Arquivo mp3, (02h e 06 min). Nossa Senhora do Socorro/SE, 2020.

GOMES, Maria Silva. Entrevista concedida a José Edwyn Silva Gomes. Arquivo mp3, (01 h e 29 min). Aracaju/SE, 2018.

SANTOS, Maria de Lourdes dos. Entrevista concedida a José Edwyn Silva Gomes. Arquivo mp3 (01h 12 min 39 sec). Aracaju/SE, 2018.

PAIXÃO, José Armando da. Entrevista concedida a José Edwyn Silva Gomes. Arquivo mp3 (01h e 20 min). Aracaju/SE, 2018.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). Fontes Orais. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

AVELINO, Camila B. S. **Novos cidadãos: trajetórias, sociabilidades e trabalho em Sergipe após a abolição (Cotinguiba 1888-1910)**. 2010. 160 f.

BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras – 5 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191..

DOMINGUES, Petrônio. **Guerra de Xangô: ritual, perseguição e conflito na formação do campo religioso afro-sergipano**. Relig. soc. [online]. 2019, vol.39, n.1, pp.120-146.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

_____. **O nome e o como.** In: GINZBURG, C. et alli. A Micro-História e outros ensaios. Lisboa: Difel, 1991, pp. 169-178.

MATTOS, Hebe ou CASTRO, H. M. M. ; RIOS, A. M. L. **.O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas.** Topoi (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, p. 170-198, 2004.

MOTT, Luiz. **Sergipe Del Rey: população, economia e sociedade.** Aracaju, FUNDESC, 1986.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Historiografia do Quilombo.**1977. In: Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidades nos dias da destruição. Maria Beatriz Nascimento. Diáspora Africana: Editora filhos da África, 2018, 488 p.

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, nº 10, dez. 1993. p. 7-28.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol 5 , n. 10, p.200-215, 1992.

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de Beatriz Nascimento.** São Paulo: IMESP,2006.

SANTANA, Cleber de Oliveira. **Ê gente que samba! práticas culturais e sociabilidades na cidade de Aracaju/SE.** 2011. 153 f, Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

SLENES, Robert W. **Na senzala, uma flor – Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX. – 2ª Ed. Corrig. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.**

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro, Zahar editores, 1981. p.180-200.

**Antonina Gomes:
trajectory, sociability and Afro-entrepreneurship on the periphery of Aracaju in
the 20th century.**

ABSTRACT: It was on the outskirts of the capital of Sergipe that Antonina Gomes stood out as a woman, co-founder and administrator of a village that bears her name. The “Vila Antonina” was the stage where she not only held “novenas” and festive gatherings, but was also able to “hitch up” her family and support family members and friends who, like her, migrated in search of better living conditions. This article aims to construct the history of Antonina Gomes, relating and analyzing her experiences from oral sources, primary and iconographic sources, pointing out her collaboration in maintaining a family formed under the eve of slavery, we will thus be contributing with the studies about post-abolition in Sergipe.

Keywords: Post-abolition; Black family; Afro-entrepreneurship and Sociabilities.